

Impressões sobre os curtas:

“A mão que afaga” , “Estátua” e “Náufragos” Gabriela do Amaral

Profº Wilian Hinestrosa

Curso Narrativas

Por Janne Cordeiro

Os curtas em questão são de uma sensibilidade em que deixa o espaço para que o espectador crie e faça relações. À medida que observamos a realidade que se apresenta, de forma vagarosa, percebemos e relacionamos a solidão das personagens a nossa própria solidão , e isso me chamou bastante a atenção na relação entre os filmes.

A solidão, quase palpável, que aflige os personagens envolvidos na história dos curtas nos mostra um estado de extrema carência afetiva, onde sugere que isso pode nos levar a algo altamente destrutivo, autodestrutivo. Vemos o desassossego do personagem em sua claustrofobia, algo sufocante que acaba nos colocando em um estado mórbido, inibidor de ação.

Acredito que essa textura é dada pela forma como são conduzidas as imagens e como é direcionado o olhar do espectador, cores marrons no urso carinhoso de a mão que afaga, sons ritmados em Estátua demonstrando como se sente a menina que praticamente não tem mãe, cortes das pernas e cabeça, a D. Odete de Náufragos tentando pescar seu passado debaixo da cama, resgatar suas boas lembranças ,mas se encontra sozinha com a TV em um ritmo contagiante.

Através dessas escolhas dos enquadramentos e planos, da sugestão de que o tempo que vemos na tela, parece o mesmo tempo real, por conta da escolha da pausa que parecem horas, pelo próximo segundo ainda suspenso, partilhamos do seu universo humano e caótico das vítimas da realidade.

Realidade esta que faz as pessoas aqui expostas, nas suas fragilidades e nos seus egoísmos, mostrarem seu lado um tanto sombrio. Por exemplo, a moça que foi cuidar da menina em Estátua, se livra do ‘problema’, que era o filho não aceito por aquele que deveria amá-lo, a D. Odete de Náufragos se trancando

dentro de casa a chave, pois infelizmente tornou-se dura demais pra confiar nas pessoas, escolhas que nos fazem entrar no drama do protagonista e perceber sua falta, seu vazio.

O realismo presente nas três obras é ácido corrosivo, angustiante. Os personagens encontram-se como se estivessem na mûnada , que se traduz por "único", "simples", portanto, indissolúvel e indestrutível, assim é o universo da personagem da mulher no curta A mão que afaga, o universo da D. Odete em Náufragos e o da garotinha em Estátua.

No curta estátua há uma busca por aceitação, aceitação da menina por alguém , sua própria mãe que deveria ser carinhosa e que lhe despreza, por isso a busca pelo amor da moça que ela nem conhece e foi lá somente pra prestar um serviço. Paralelamente essa moça que foi para cuidar da menina também está sofrendo do mesmo mal, falta de aceitação.

Visualizamos, pois a obra é visual, mas mais do que visualizar, sentimos e nos identificamos com essa representação de realidade que é a realidade sem maquiagem, meio dura e fria, sem retoques tal qual a nossa vida se avaliarmos com delicadeza e vendo com olhos cirúrgicos.